

***L'Idiot de la famille* como antropologia existencial: passividade & alienação**

Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Filosofia

Dr. Gustavo Fujiwara (pós-doutorando)
Dr. Luiz Damon Santos Moutinho (supervisor)

Processo FAPESP: 2018/13892-0
Processo FAPESP (BEPE): 2019/25508-6

Resumo expandido:

A presente pesquisa pretende examinar a última biografia existencial sartreana, *L'Idiot de la famille*, no sentido de identificarmos ali o *modus operandi* de uma antropologia existencial e o irromper de uma teoria da passividade e de seu correlato, a alienação. Operando na mencionada biografia um entrecruzamento de teses oriundas de *L'être et le néant*, “Questions de méthode” e *Critique de la raison dialectique*, Sartre modaliza, na primeira parte, “La constitution”, conceitos como psicanálise existencial, *práxis*, projeto, dialética, método progressivo-regressivo, universal-singular..., para, assim, restituir a suposta constituição passiva/atividade passiva do romancista francês Gustave Flaubert. Inicialmente, pretendemos elucidar a antropologia existencial forjada a partir dos anos 1960, a redefinição da consciência como *práxis* constituinte situada em um mundo objetivamente dado, em condições que ela não escolheu e que ela não determina *a priori*, mas pelas quais ela é, ao contrário, determinada. Em seguida, estudaremos os elementos teóricos que forjam esta antropologia, isto é, o método progressivo-regressivo e o conceito de universal-singular como resultado da reintegração do *cogito* na dialética. Estes pontos analisados, e a partir deles, será necessário que busquemos compreender o estatuto da psicanálise existencial revestida pela antropologia existencial e o modo como Sartre a emprega na biografia sobre Flaubert. Realizadas estas investigações, seremos capazes de identificar, na sequência, uma teoria original da passividade/alienação que, através do aspecto constitutivo da infância, da família e do social, fará emergir a ideia de liberdade alienada.

Inicialmente, problematizando os conceitos operadores da *magnum opus*, traremos à tona uma série de paradoxos teóricos com os quais o filósofo francês deverá lidar quando da passagem da *ontologia fenomenológica* à *filosofia da História*. Baseado em comentadores e filósofos que dialogam com o pensamento ontofenomenológico de Sartre, nós nos esforçamos em demonstrar que a liberdade absoluta sartreana é passível de uma crítica que desestabiliza, digamos assim, a suposta concretude com que nosso autor pensava ter elaborado sua ontofenomenologia. O “anticlímax” desta desestabilização conceitual/teórica é atingido quando passamos ao exame do projeto/escolha original enquanto pressuposto de uma metafísica da essência humana avessa ao pressuposto sartreano de um para-si pensado como ser no qual apenas a existência estava em questão em seu ser (no limite, ver-se-á que quando Sartre define o homem como desejo de ser em-si-para-si, ele lhe atribui uma essência). Visaremos mostrar que a psicanálise existencial, ainda em estado embrionário nos anos 1943, enfrenta obstáculos consideráveis e difere do tipo de psicanálise que Sartre passa a teorizar após *Saint Genet: comédien et martyr* (1952).

Na sequência, analisaremos a vida filosófica de Sartre pós-ontologia fenomenológica, isto é, os nove anos (1943-1952) nos quais o filósofo constrói sua notoriedade intelectual; tal período é marcado pela conferência *O Existencialismo é um humanismo* (1946), pelo acalorado debate que se segue com os comunistas do PCF (“À propos de l’existentialisme: mise au point” (1944), *Matérialisme et Révolution* (1946)) e pela redação de sua primeira biografia existencial de maior fôlego, a já mencionada obra *Saint Genet: comédien et martyr*. Se nesta biografia a liberdade é requerida como único expediente capaz de “dar conta de uma pessoa em sua totalidade”, tal afirmação, como veremos, não poderá ser pensada simplesmente nos termos da liberdade absoluta de *L’être et le néant*, pois a vida de Genet será concebida à luz de uma alienação sócio-histórica que reabilita a dimensão social que soava estar ausente da ontologia fenomenológica.

O primeiro movimento investigativo, elaborado a partir das obras mencionadas nos parágrafos anteriores, começa a arar o terreno para a fundamentação da *antropologia filosófica* de Sartre. Empreenderemos uma primeira análise crítica acerca de *Questions de méthode* (1957) e *Critique de la raison dialectique* (1960) através da

elucidação da relação de Sartre com o materialismo histórico e sob a perspectiva do existencialismo tornado ideologia da existência. As duas obras citadas, como se sabe, representam o apogeu teórico e político da relação de Sartre com o comunismo e com o materialismo histórico: enquanto *QM* institui o existencialismo como única ideologia capaz de retirar o marxismo de sua virtus dormitiva ao reinterpretar Marx como uma filosofia da *práxis*, *CRD*, publicada três mais tarde, aprofunda as orientações teóricas de *QM* ao fundar as bases teóricas de uma filosofia da História assentada na reorientação do *cogito* como *práxis*, Razão constituinte da História e da dialética. Ainda no que tange ao conjunto geral de nossos objetivos, não poremos deixar de visar os temas na perspectiva de uma leitura crítica pela qual buscaremos problematizar o “amalgama” de uma filosofia da transcendência, leia-se filosofia do *cogito*, com uma filosofia materialista. A questão, sem uma resposta definitiva, é a seguinte: é de fato possível conciliar, no sentido de uma continuidade teórica, a definição da consciência outrora descrita em *EN* como a *práxis* de *QM/CRD*?

Alicerçada pelas análises anteriores, a última fase de nossa pesquisa debruçar-se-á na biografia sartreana sobre Flaubert a partir de três propósitos: 1) a biografia existencial como realização conceitual-prática da antropologia, da psicanálise existencial e do método (progressivo-regressivo) esboçado em *QM*; 2) análise do advir de uma teoria da passividade e da alienação como fatura de uma miríade de reformulações filosóficas ocorridas após *L'être et le néant*; 3) investigação do jogo dialético oriundo da (re)definição do sujeito como universal-singular tal como proposto principalmente no Tomo III de *IF*. Trabalhando na perspectiva multidimensional (biográfica, histórica, literária e filosófica), avançaremos a hipótese segundo a qual a antropologia existencial de Sartre está intimamente arrimada à biografia e à literatura como expedientes analíticos capazes de desvelar as totalizações da História.